

A VISÃO DO MAR: O IMAGINÁRIO EUROPEU SOBRE O NOVO MUNDO

THE VISION OF THE SEA: THE EUROPEAN IMAGINARY ABOUT THE NEW WORLD

Alessandra da Silva Supriyadi¹
supriyadialessandra@gmail.com

Resumo: Este presente artigo pretende discutir o imaginário, as alegorias e as representações dos primeiros viajantes acerca do “novo mundo” e seus habitantes, pautados na introdução de uma visão pré- estabelecida a partir do familiar e conhecido, ilustrando na ideia do “homem selvagem”, onde em grande parte é incorporado às crenças do cristianismo, a mitologia popular e as pretensas ciências que moldavam o imaginário do pré-colonial e colonial, e que se sustentaram até a contemporaneidade.

Palavras-Chave: Imaginário Colonizador; Primeiro contato; Homem Selvagem

Abstract: This article intends to discuss the imagination, allegories and representations of the first travelers about the “new world” and its inhabitants, based on the introduction of a pre-established view based on the familiar and known, illustrating the idea of the “wild man”, where it is largely incorporated into the beliefs of Christianity, popular mythology and the alleged sciences that shaped the pre-colonial and colonial imagery, and that were sustained until contemporaneity.

Keywords: Imaginary Colonizer; First contact; Wild Man.

INTRODUÇÃO

A visão estereotipada que os colonizadores produziram sobre os nativos e a “terra” que compunham o novo mundo, podem ser abordadas pela perspectiva mitológica e crença presente nos conceitos que permeiam o imaginário destes colonizadores desde a Idade Média, com o bestiário do cristianismo e a própria concepção de paraíso, que vem a ser um forte influenciador do próprio projeto colonizador e civilizador que adere o carácter de justificativa das invasões, até as várias construções que permeiam a mitologia pagã, que se estrutura desde a Grécia antiga e que se disseminam em várias outras construções mitológicas, indo dos conceitos de Heródoto das Amazonas (e sua própria reformulação nos contos nórdicos e nos relatos populares na África e no território americano) até a construção do cristianismo do paraíso terreno, tão bem abordado por Colombo em suas cartas, mostrando a necessidade de

¹ Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Amazonas(UFAM). E-mail: alessandra supriyadi@outlook.com

um sincretismo² para que quem está do outro lado do oceano possa vislumbrar, a partir do que se encontra presente na construção de seu imaginário mitológico.

Vemos ainda a aplicação do que hoje conhecemos como “distinção cultural” (BURKE, 2008) onde a afirmação da identidade é feita a partir do que eu não encontro no outro, aspecto herdado do primeiro contato entre europeus e os nativos, gerando um estranhamento e uma noção distorcida do outro e de si mesmo, articulando um espaço de embates que configuram as noções de unilateralidade da história da conquista das Américas, ou como os povos andinos reconhece Aba Yala³, que se desenvolvem.

Portanto é compreensivo, porém não justificável, a abordagem discriminatória adotada, que se utiliza de aspectos físicos, culturais e políticos como sinais de inferioridade. Essa abordagem vem a ser uma justificativa da guerra justa traçada pelos europeus, abrindo uma dicotomia entre o “eu” e o “outro”, culminando na hierarquização da cultura, de modo que se considera a cultura europeia superior, dentro da perspectiva destes colonizadores, a dos indígenas, estes alegoricamente construídos como ingênuos, covardes e até mesmo infantilizados, a fim de se justificar as investidas da cristianização em civilizar e transmitir a racionalidade a esses indivíduos.

Podemos entender então, que a própria construção do termo índio encontra-se numa esfera de familiaridade ao europeu (que acreditava ter chegado às Índias) e até mesmo em um espaço de disputas ideológicas e cosmológicas, nos ajuda a pensar na construção de um imaginário manchado de interesses e concepções importadas sobre “o novo mundo”, e as representações que chegam a Europa, e que tão pouco retratam de fato o que se encontrou.

Os europeus, como já observou o historiador Leandro Karnal, criaram a abstração indígena através do registro de um equívoco geográfico disseminado pelo navegador Cristóvão Colombo, que acreditava ter chegado às Índias. Hoje sabemos que, além do equívoco geográfico, a expressão “índios” encerra uma diversidade de povos, marcados por semelhanças e diferenças. Os europeus da época de Colombo – assim como os de hoje – também eram muito diferentes em suas crenças, atitudes e lealdades políticas. (VIANA, 2012, p. 01)

Uma vez que se necessita de uma representação imagética que os atinja na significação, as alegorias construídas destoam da identidade dos nativos, que desconhecem qualquer uma das identidades que lhes é atribuída. Vemos também a construção de estereótipos inseridos no que Tzvetan Todorov (1993) chama de convicção do desejo, tão presente nas cartas de Colombo, onde este aponta o índio como covarde e ingênuo, subestimando a presença e a força destes indivíduos pautados num primeiro contato pacífico, em sua

2 Aqui pensamos o conceito de sincretismo em seu sentido filosófico, que produz uma síntese de elementos opostos que acolhem visões diferentes do mundo ou de doutrinas religiosas.

3 Na língua Kuna significa terra viva, terra madura ou terra florescente, vem sendo usado pelos descendentes dos povos originários do continente em contraposição a denominação América. É usada desde o século XIV, sendo consagrada posteriormente pelas elites crioulas no processo de independência. Assume um caráter de identidade e construção de um sentimento de pertencimento aos povos originários. Para mais informações consultar “Entre América e Abya Yala – tensões de territorialidade” de Carlos Walter Porto-Gonçalves.

própria perspicácia para achar “sinais” de quaisquer que fosse seu objetivo, quer seja encontrar ouro, quer seja a proximidade de terra firme.

Os mitos legitimavam a conquista, uma vez que era uma obrigação dos cristãos darem cabo da vida de monstros como estes. O homem europeu era o paradigma do aceitável, tudo o que era diferente disto investia-se de monstruosidade. (XIMENES, 2011, p. 02)

Portanto, partindo de uma discussão sobre esta visão estereotipada e da resignificação atribuída a vários elementos encontrados nestas terras, analisaremos a construção das figuras que permeiam o imaginário daqueles que não vislumbram *oculis suis* as maravilhas do novo mundo ou mesmo tem contato com os habitantes destas terras.

Pensar uma nova perspectiva sobre esse encontro, e o impacto produzido às mentalidades e ao imaginário social que modificou as relações, as formas de organização e cultura através da força e colonização do pensamento que se estende até a contemporaneidade, é pensar uma história decolonial, uma ótica que percebe a influência das ações dos europeus sobre a identidade, representação e formação das sociedades das Américas, porém tendo sempre em vista a luta desses povos para manutenção de suas ancestralidades e identidades, desbravando o que Chamamanda Ngozi Adchie chama de o perigo de uma história única, apesar de termos como foco as representações europeias sobre esses povos, pretendemos discutir, como essas alegorias se defrontam com a realidade;

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (ADCHIE, 2019, p. 32)

AS LENDAS E A IMAGEM DO NOVO MUNDO

Os colonizadores contavam com uma imaginação fértil e bem fermentada de mitos e monstros, presentes tanto na literatura de viajantes como Marco Polo, quanto do próprio bestiário cristão medieval.

Essa construção imagética e popular, vinha tanto do encontro das culturas germânicas e francas como de seu contato com a mitologia grega e romana que agregava grande parte das tradições cristãs e misturava-se para construção do imaginário europeu utilizado para transmitir as “maravilhas” do novo mundo, e representar os nativos e do território em que habitavam, tão estranho e diferente do que se estava habituado na Europa. Carregam uma série de concepções de seres imaginários que habitavam essa nova região, grandes monstros como ciclopes e sereias que teriam de enfrentar, se materializavam a partir das lendas que se formavam a respeito do que se encontraria além do equador, encontra-se ainda misturada a construção das tradições católicas, que podem ser percebidas num primeiro momento, como aponta Tzvetan Todorov (1993), a partir da percepção de Colombo de que estariam no paraíso terreno, em detrimento de sua abundância e beleza,

e posteriormente assumindo um tom pecaminoso com o intuito de legitimar as investidas dos conquistadores.

Estas concepções acerca do selvagem eram um misto de cristianismo medieval, bestiário da Antiguidade e tradições hebraicas. No entanto, para os cristãos diferentemente da tradição hebraica, a Queda poderia ser perdoada, desde que a Igreja fosse aceita pelos degredados. Mais uma vez a conquista e a catequese são legitimadas pelo pensamento teológico da época. (XIMENES, 2011, p. 04)

É visível a constante ênfase numa descendência de um povo pecador e transgressor, enfatizando o castigo divino, assim apelando de forma significativa para a punição de Deus como legitimador da invasão, crueldades, guerras e massacres que comporiam a história da conquista das américas. A reafirmação a sua concepção de unidade criacionista, pode ser vista nas inúmeras tentativas de ligar esses povos a mitologia cristã, seja através de uma descendência de um filho pródigo de Noé, ou mesmo em uma ligação com os criadores da torre de Babel. Entretanto, todas essas narrativas foram substituídas pela personificação de atlantes e a cidade submersa, mais ligada às crenças pagãs.

O HOMEM SELVAGEM

A imagem dos nativos, articulada na construção de um estranhamento quanto ao corpo (desnudo e livre) causava nestes estrangeiros tanto um espanto, pela falta de vestimentas e diferenças físicas, quanto a inveja pela liberdade que essas diferenças significavam.

Essa percepção do eu e do outro, e esse estranhamento, constrói um discurso onde assume o “selvagem” como sinônimo de liberdade, tanto em relação aos costumes, como a própria construção das trocas presente nas relações sociais e afetivas, que por muitas vezes pautavam-se na poligamia e na ausência de uma religião monoteísta, quanto a cosmovisão dos nativos, tomando os cultos, representações divinas ou manifestações de “fé” como satânicos ou demoníacos, enfatizando a própria visão sobre a inferioridade destes indivíduos a partir de traços físicos ou pela ausência de um protecionismo aos deuses que cultuavam. Tudo isso era visto como uma ratificação e justificativa costumeiras para a crença de inferioridade dos nativos.

Mais um indício da influência demoníaca dos índios era que eles não conheciam nem praticavam nenhuma religião (na errônea visão da Companhia de Jesus). Além disso, os religiosos esperavam fazer uma guerra santa nos moldes daquela que atacou os mouros. No entanto, os índios não lutavam por seus ídolos, o que seria mais um indicativo de sua bestialidade. (XIMENES, 2011. p. 03)

Para além dos traços físicos, a visão de inferioridade se construiu a partir da lógica da existência de grandes monumentos ou impérios, estruturava-se na questão do trabalho como condicionante de desenvolvimento, atribuindo ao clima a explicação da grande diversidade, ou seja, a capacidade de progresso e desenvolvimento estavam ligados ao

meio físico (XIMENES, 2011). Construíram assim uma visão de estagnação, regressão, incivilidade e selvageria aos povos originários.

Todas essas construções sociais de desvalorização dos nativos atribuíam aos europeus o caráter de salvadores, sendo eles responsáveis por ensinar a cultura ocidental e civilizar transmitindo os preceitos cristãos a esses ingênuos e selvagens homens nativos. Assim, neste imaginário imposto sobre estes povos, há não somente uma pré-concepção do nativo, mais uma missão ao colonizador.

[...] os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente (sic) também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial (QUIJANO, 2005, p. 229).

A própria definição do termo índio refere-se a um erro geográfico dos navegadores europeus. Designam povos e culturas completamente diferentes das encontradas no neste território recém descoberto, simplificando uma série de etnias, costumes, culturas e apagando disputas locais e formais, organizacionais e políticas diferentes, que construíam as etnias dos povos nativos, matizando uma complexidade étnica em um conjunto conhecido.

O termo “índio” insere-se em um discurso que faz da palavra um atributo, um artifício sógnico de domesticação, em que todas as diferenças e particularidades se desfazem em meio, e contrapondo-se, ao discurso universalista do homem branco, civilizado, letrado e cristão. (ROSA, 2015, p. 264)

Acarreta ainda com princípio de separação a construção de uma imagem hipersexualizada do indivíduo nativo, e em maior cargo na mulher que, na constante dos paradigmas da cristianização, estavam expostas e deveriam ser consideradas subversivas.

A construção de uma imagem da mulher selvagem se estabelece na abundância de carne, robustez do corpo, na libido desenfreada e na liberdade sexual desinibida, características que na Europa, na óptica nos conceitos do catolicismo, eram considerados atos abomináveis e transgressivos. As expedições que se aventuraram a atravessar o Atlântico já vinham carregadas de uma mitologia que corrompia o imaginário devido as fortes imagens que se construíram acerca da descoberta de novos povos e mundos, baseados em pretensas ciências e no pragmatismo cristão pautadas nas crenças supersticiosas e mitológicas da época.

As grandes navegações não se restringiram somente à conquista de terras e o aumento do poderio das potências europeias da época. Os conquistadores levavam para estes novos territórios algo da sua própria identidade, algo que pode ter efeitos mais profundos dentro de um território estranho do que qualquer conquista militar: sua cultura, especificamente etnocêntrica. (SOUZA, 2013, p. 04)

A mulher selvagem conta com uma dose dupla de sexualização, uma vez que toda a sua “vergonha” se encontra exposta e causa grande choque e deslumbre aos colonizadores. A personificação da mulher selvagem está ligada de todas as formas a incapacidade de controle e a robustez e deslumbre de seu corpo e sua forma, o imaginário desta mulher permeia a promiscuidade constante devido a visão eurocêntrica do que as mulheres podem fazer, ou como devem portar-se. Entretanto a construção desta mulher selvagem reflete nada menos que a própria tentativa de abominação do corpo, e o caráter pecaminoso que se atribui ao sexo e ao corpo feminino, assim este estereótipo busca fortalecer os laços de dominação que permeia não só o imaginário da mulher selvagem, mas também a da mulher europeia.

AS AMAZONAS

A formação do mito das amazonas, apesar de remeter a mitologia grega, está impregnada de uma multiplicidade de visões e culturas que apresentam mulheres guerreiras ou sociedades matriarcais, que acompanham sua transição por todo o mundo. A visão de mulheres guerreiras aparecem na Grécia, na mitologia germânica e nas Áfricas sendo sempre associadas as amazonas, como forma de compreender, ou assimilar o significado destas mulheres no âmbito visual do imaginário atribuindo uma representação que faça sentido ao seu cotidiano, quando se trata de imaginar uma cena que lhe cause estranhamento. Portanto, ao analisarmos o surgimento destas mulheres no novo mundo, vemos apenas a tentativa de se atribuir significado e entender a partir do familiar o que se está vendo. O imaginário que permeia a criação das Amazonas cerca o medo e a insegurança que as sociedades patriarcais possam ser derrubadas pela figura feminina. Adotam a visão de que se há uma mulher no poder, haverá uma quebra de ordem e assim o caos.

O mito das amazonas na Grécia Antiga explica a questão da dicotomia do pensamento grego e a polarização da sociedade: homem/mulher, guerra/casamento. A instituição de um governo de mulheres implicaria na destruição do patriarcado, da destituição do Estado e no estabelecimento do caos. (OLIVEIRA, 2018, p. 05)

Na concepção de indivíduo atribuída à mulher, há sempre a necessidade de designar os papéis aos quais cada indivíduo deve portar-se, onde o homem provê e a mulher cuida da casa. Esta construção está presente tanto nas próprias narrativas de textos da antiguidade clássica quanto na contemporaneidade, contudo em contextos distintos e com maior mobilidade em relação aos avanços que as mulheres conquistaram quanto a mobilidade social.

A lenda das Amazonas reflete a pura construção de um medo e uma tentativa de demonizar a autonomia feminina, enquadrando as mulheres cada vez mais no ícone de indefesa, que necessita da proteção de um homem. Assim o retrato da figura feminina, tanto nos hábitos e costumes quanto na personificação do corpo, tem como objetivo a sua demonização, o choque com a representação hora alva e forte, hora um ser bestial

cheio de deformidades, de forma que nos parâmetros dos costumes europeus as mulheres recatadas e submissas fossem superiores.

O medo do corpo tão exposto pelas nativas e a sexualização, tendo em vista a própria concepção já estabelecida da mulher selvagem que gozava de uma libido insaciável e uma sexualidade desinibida, culmina na representação dos corpos femininos pelas Amazonas, causa espanto aos europeus, todos materializados na ideia de uma sociedade sem homens, e na condição de que pudesse haver relacionamentos entre as mulheres, conduta inconcebível na visão cristã, considerado um ato abominável de estado de luxúria e libido do “lesbianismo tão presente no novo mundo” (MOTT, 1992).

Nas lendas, a construção destas sociedades pautam-se num controle integral de mulheres, que se utilizavam dos homens para fins reprodutivos, que matam ou abandonam seus filhos homens. Aparecem como exímias guerreiras, fortes e equivalentes a dez “índios”, estão associadas a emancipação dos códigos sociais de domínio masculino, várias aparecendo de forma que renunciam a tudo o que possa ser feminino e adotam uma postura completamente masculina, caráter integrado ao âmbito do lesbianismo, cujo o qual não estava apenas restrito às relações entre o mesmo sexo, mas também ao caráter da fuga do paradigma dos trabalhos designados a cada gênero. No entanto esta presença no novo mundo, como em vários outros momentos, pode não passar de uma adaptação visual, que se equivoca ao constatar a veracidade do mito.

Segundo Mott (1992), o culto ao deus sol, tão presente no cotidiano dos incas, guardavam em seu templo mulheres sacerdotisas. Essas eram as mulheres mais belas que haviam sido retiradas de suas aldeias para fins de concubinato ao rei, tornar-se sacerdotisa ou em raros casos servir de sacrifício.

É possível que os relatos sobre essas mulheres guerreiras, tenham sido confundidos com informações repassadas por indígenas, uma vez que a visão da amazona do novo mundo em muito se assemelha a estas mulheres. Assim, a existência de mulheres guerreiras em tribos mais afastadas, ou a simples presença de mulheres com armas pode levar à compreensão equivocada destas figuras, no entanto, a presença constante deste elemento que sempre é vencido por um homem e subjugada, traz fortes laços com sociedades patriarcais, com a queda do paternalismo, o que leva ao medo dos homens de que estas ideias se disseminem e floresçam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do imaginário colonizador sobre o novo mundo e os nativos vem carregado de preconceitos e pré-concepções de sua própria mitologia e crenças. Encontra-se alheio às representações que estes nativos têm de si, dos seus hábitos, sistemas administrativos e relações sociais, considerando cada diferença uma conotação de inferioridade e necessidade de intervenção, a própria nomenclatura utilizada até a contemporaneidade para denominá-los, está carregada das crenças e do imaginário europeu.

Delibera uma tentativa de desconstrução de tudo o que antecede a esta chegada, no entanto as representações destes nativos continuam fortes, as relações sociais estabelecidas permitem a partir dos sincretismos e das ressignificações a manutenção do imaginário próprio dos indígenas como forma de resistência.

O imaginário e a ressignificação da mitologia e crenças colonizadoras, eram apenas escapes para justificar as investidas do projeto civilizador em detrimento dos selvagens e bestiais homens que habitavam o as novas terras, de forma a pôr os colonizadores como salvadores das almas destes nativos. Esta estratégia foi válida, uma vez que os nativos não estavam dispostos a lutar e batalhar por seus deuses, o estabelecimento de uma nova cultura, hábitos e rotina de trabalho, bem como a incorporação religiosa, nada mais foram, do que um dos mecanismo de controle com os quais colonizadores fizeram valer seu projeto civilizador, de forma que a guerra justa torna-se válida, quando justificada pela salvação das almas, dando ao europeu o papel de herói salvador.

Os nativos não se mantiveram isentos de influenciar as novas construções sociais e culturais que os atingia, as formas de ressignificar sua própria cultura e introduzir de forma gradual e sistemática a dos colonizadores, mostra formas ativas de resistência, bem como as próprias batalhas travadas e as demonstrações de força que eles deram aos estrangeiros invasores, mostram a não passividade a esse processo violento e cruel. O maior genocídio da história, banha as terras do novo mundo de sangue dos povos andinos, assim como grande parte dos monumentos de barbárie que as expansões e conquistas produzem, pautava-se apenas na segregação e extermínio do diferente, do estranho e daquilo que fugia ao seu controle e ao padrão europeu.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

NGOZI ADCHIE, Chamamanda. **O Perigo de Uma História Única**. 2019, p. 32.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MOTT, Luiz. **As Amazonas: Um Mito e algumas Hipóteses**. In: VAINFAS, R. (Org). *America em Tempos de Conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1992.

PRIORE, Mary. D. **Imagens da Terra Femea: a América e Suas Mulheres**. In: VAINFAS, R. (Org). *America em Tempos de Conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 1992.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

RODRIGUES, Douglas.C. **As representações do imaginário colonial a partir dos relatos dos colonizadores**. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal. *Anais do XXVII Simposil Nacional da ANPUH- Associação Nacional de História*. Rio Grande do Norte: ANPUH-RN, 2013.

ROSA, Francis Mary Soares Correia da. **A invenção do índio**. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 257-277, jul./dez. 2015.

SOUZA, Wanessa De. **O imaginário europeu, as visões sobre o “Novo Mundo” e suas gentes**. Disponível em <<http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/oimaginarioeuropeuasvisoessobreonovomundoesuasgentes.pdf>> acesso em 26/11/2018

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da america: questão do outro**. Trad. MOISÉS, Beatriz. P. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VIANA, L. M. . **Os relatos europeus sobre os índios da América: um estudo de caso**. 2012. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Material Didático on line).

XIMENES, Lenir. G. **Aquém e além-mar: imaginário e interação entre índios e não índios.** In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH - Associação Nacional de História. São Paulo: Anpuh-SP, 2011.